

ÉDOUARD LOUIS
O FIM DE EDDY
TUSQUETS
EDITORES

Tradução

Francesca Angiolillo

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sumário

11 LIVRO 1: Picardia
(fim dos anos 1990 – começo dos anos 2000)

113 LIVRO 2: O fracasso e a fuga

TUSQUETS
EDITORES

Encontro

De minha infância não guardo nenhuma lembrança feliz. Com isso não quero dizer que eu nunca tenha, durante aqueles anos, experimentado um sentimento de felicidade ou alegria. Mas o sofrimento é simplesmente totalitário: ele faz com que tudo que não se enquadra no seu sistema desapareça.

No corredor apareceram dois garotos, o primeiro deles grande de cabelos ruivos, e o outro, pequeno com os ombros caídos. O grande e ruivo esgarrou *Toma essa na tua cara.*

O esgarro desceu lentamente pelo meu rosto, amarelo e espesso, como esses catarros ruidosos que obstruem a garganta dos idosos ou doentes, de cheiro forte e nauseabundos. As risadas agudas, estridentes dos dois garotos *Olha lá pegou a cara toda do filho da puta.* O catarro escorre do meu olho até os meus lábios, quase entrando na minha boca. Não ousou limpar. Eu poderia fazer isso, bastaria uma esfregada da manga. Bastaria uma fração de segundo, um gesto minúsculo para que o esgarro não entrasse em contato com meus lábios, mas eu não o faço, por medo de que eles se ofendam, por medo de que eles se irrite ainda mais.

* * *

Eu não imaginava que eles fariam isso. Não que a violência me fosse estranha, longe disso. Eu havia, desde sempre, tão longe quanto chega minha lembrança, visto meu pai brigar, na saída do café, com outros homens bêbados, quebrar-lhes o nariz ou os dentes. Homens que haviam olhado para minha mãe de forma insistente demais e que meu pai, dominado pelo álcool, fulminava, *quem você pensa que é para olhar minha mulher desse jeito, seu filho da puta de merda?* Minha mãe tentava acalmá-los, *fica calmo, querido, fica calmo*, mas seus protestos eram ignorados. Os companheiros do meu pai, em um determinado momento, terminavam necessariamente por intervir, essa era a regra, isso também era ser um amigo de verdade, um *bom companheiro*, lançando-se à batalha para separar meu pai do outro, vítima de sua bebedeira, com o rosto a essa altura já coberto de feridas. Eu via meu pai, quando nossos gatos davam cria, enfiar os gatinhos recém-nascidos numa sacola de supermercado e bater a sacola contra uma mureta de concreto até ela ficar cheia de sangue e os miados cessarem. Eu o havia visto degolar porcos no jardim, beber o sangue ainda quente que ele extraía para fazer chouriço (o sangue nos seus lábios, no seu queixo, na sua camiseta), *Isto é a melhor parte, quando o sangue acaba de sair do bicho estrebuchando*. Os gritos do porco agonizante quando meu pai lhe cortava a traqueia se ouviam no vilarejo inteiro.

Eu tinha dez anos. Eu era novo na escola. Quando eles apareceram no corredor eles não me conheciam. Eu não sabia nem mesmo seus nomes, o que era incomum no pequeno estabelecimento escolar que mal contava duzentos alunos e onde todo mundo logo aprendia a se conhecer. Seu passo era lento, eles sorriam, eles não transpareciam agressividade alguma, tanto assim que primeiro eu pensei que eles vinham se apresentar.

Eu não entendia: por que esses alunos mais velhos vinham falar justo comigo, que era novo? O pátio do recreio funcionava igual a todos no resto do mundo: os grandes não andavam com os pequenos. Minha mãe dizia, falando dos operários, *Ninguém se interessa por nós, a arraia-miúda, muito menos os peixes grandes.*

No corredor, eles me perguntaram quem eu era, se era eu o tal *Bellegueule* de quem todo mundo falava. E me fizeram a pergunta que eu em seguida passei a me repetir incansavelmente, por meses, por anos,

É você o veado?

Quando a pronunciaram eles a inscreveram em mim para sempre, como um estigma, aquelas marcas que os gregos infligiam a ferro em brasa ou a faca no corpo dos indivíduos desviantes, perigosos para a comunidade. E percebi a impossibilidade de me desfazer desse estigma. Foi a surpresa que me atravessou, mesmo que aquela não fosse a primeira vez que me diziam algo semelhante. A gente nunca se acostuma às ofensas.

Um sentimento de impotência, de perda de equilíbrio. Eu sorri – e a palavra *veado* ressoava, explodia na minha cabeça, palpitava dentro de mim na frequência dos meus batimentos cardíacos.

Eu era magro, eles devem ter considerado que minha capacidade de defesa fosse parca, quase nula. Nessa época meus pais costumavam me chamar de “Esqueleto” e meu pai repetia sem parar as mesmas piadas *Dá pra você passar detrás de um cartaz sem descolar ele da parede.* No vilarejo, como na minha família, o peso era uma característica valorizada. Meu pai e meus dois irmãos eram obesos, assim como muitas mulheres da família, e se dizia com a boca cheia *É melhor não se deixar morrer de fome, taí uma boa doença.*

* * *

(No ano seguinte, cansado do sarcasmo da minha família a respeito do meu peso, eu me determinei a engordar. Comprava pacotes de batatinha na saída da escola com o dinheiro que pedia a minha tia – meus pais não tinham para me dar – e me empanturrava. Eu, que até ali me recusava a comer os pratos gordurosos demais que minha mãe preparava, justamente por medo de ficar como meu pai e meus irmãos – ela se exasperava: *Isso não vai encher teu rabo* –, passei de uma hora para outra a engolir tudo que estivesse ao meu alcance, como aqueles insetos que se locomovem em nuvem, fazendo desaparecer paisagens inteiras. Em um ano eu ganhei vinte quilos.)

Primeiro eles me empurraram com a ponta dos dedos, sem tanta brutalidade, ainda rindo, o escarro ainda no meu rosto, depois mais e mais forte, até baterem minha cabeça contra a parede do corredor. Eu não dizia nada. Um me agarrou pelo braço enquanto o outro me chutava, cada vez sorrindo menos, cada vez mais compenetrado em seu papel, seu rosto exprimindo cada vez mais concentração, raiva, ódio. Eu me lembro: as pancadas na barriga, a dor provocada pelo choque entre minha cabeça e a parede de tijolos. Esse é um elemento no qual não se pensa, a dor, o sofrimento súbito do corpo, ferido, mortificado. A gente pensa – digo, diante desse tipo de cena: com um olhar de fora – na humilhação, na incompreensão, no medo, mas a gente não pensa na dor.

As pancadas na barriga me faziam sufocar, eu ficava sem ar. Eu abria a boca o máximo possível para fazer penetrar o oxigênio, eu enchia o peito, mas o ar não queria entrar; meus pulmões pareciam se encher subitamente de uma seiva compacta, de

chumbo. De repente eu os sentia pesados. Meu corpo tremia, parecia não mais me pertencer, não responder à minha vontade. Como um corpo envelhecido que se liberta do espírito, que é abandonado por ele, que se recusa a obedecer-lhe. O corpo se torna um fardo.

Eles riam enquanto meu rosto se tingia de vermelho pela falta de oxigênio (a natureza das classes populares, a simplicidade dos desprovidos que gostam de rir, os *bons-vivants*). As lágrimas transbordavam, mecanicamente, minha vista se turvava como quando a gente engasga com a saliva ou com um bocado de comida qualquer. Eles não sabiam que era o engasgo que fazia minhas lágrimas correrem, eles pensavam que eu estava chorando. Eles perdiam a paciência.

Eu senti seu hálito quando eles se aproximaram de mim, aquele cheiro de laticínio podre, de animal morto. Seus dentes, como os meus, provavelmente nunca tinham visto uma escova. As mães do vilarejo não davam muita importância à higiene bucal de seus filhos. O dentista era caro demais, e a falta de dinheiro terminava sempre por se traduzir em escolha. As mães diziam *De todo modo tem coisa mais importante na vida*. Eu ainda hoje pago com dores atrozes, com noites insones essa negligência da minha família, de minha classe social, e eu escutaria, anos mais tarde, ao chegar a Paris, na Escola Normal, colegas me perguntarem *Mas por que seus pais não levaram você a um dentista?* Minhas mentiras. Eu lhes respondia que meus pais, intelectuais meio boêmios, tinham se dedicado tanto à minha formação literária que às vezes acabavam por negligenciar minha saúde.

* * *

No corredor, o grande de cabelos ruivos e o pequeno de ombros caídos gritavam. Os insultos se alternavam com os golpes e meu silêncio, sempre. *Bicha, bichinha, veado, arrombado, boneca, mocinha, mulherzinha, boiola (baitola), putinha, invertido, queima-rosca, bambi, soca-bosta, maricas, tia velha, ou o homossexual, o gay.* Algumas vezes nós nos cruzávamos na escadaria repleta de alunos, ou em outro lugar, no meio do pátio. Eles não podiam me bater na frente de todo mundo, eles não eram tão burros, acabariam suspensos. Eles se contentavam com um xingamento, bastava um *bicha* (ou outra coisa). Ninguém em volta dava importância, mas todo mundo ouvia. Acho que todo mundo ouvia, porque eu me lembro dos sorrisos de satisfação que apareciam no rosto dos outros no pátio ou no corredor, como se lhes desse prazer ouvir o grande de cabelos ruivos e o pequeno de ombros caídos fazerem justiça, dizendo aquilo que todo mundo pensava no fundo e sussurrava quando eu passava, e que eu ouvia *Olha lá, é o Bellegueule, aquela bicha.*

TUSQUETS
EDITORES